

# Plano de Kissinger para a dívida

O ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, propôs ontem, em São Paulo, a criação de um plano internacional para resolver o problema da dívida externa, que não será solucionado pelas renegociações isoladas de cada país. Esse plano implicaria na formação de um fundo no valor de aproximadamente US\$ 150 bilhões que seriam liberados durante cinco anos consecutivos, à média de US\$ 30 bilhões por ano. Para sua formação, os bancos credores contribuiriam com cerca de 25%, os organismos internacionais de crédito com 25% e os governos de países industrializados com os restantes 50%.

"Assim como a Europa foi reconstruída após a Segunda Guerra Mundial pelo Plano Marshall, criado pelos EUA, da mesma maneira temos que encontrar nos próximos dois a três anos um plano global para enfrentar o problema da dívida", disse Kissinger, após concluir que os problemas de pagamento do serviço da dívida, que pareciam transitórios em 82, vêm se agravando cada vez mais. O ex-secretário acrescentou que a montagem desse plano levará pelo menos dois anos e durante esse período o problema terá de ser enfrentado com a renegociação dos juros, que geralmente não assegura recursos novos e não deixa espaço para crescimento dos países do Terceiro Mundo.

Kissinger não forneceu detalhes de seu projeto, assinalando apenas que o início da transferência desses recursos poderia ser feito pela substi-

tuição parcial da dívida por investimentos e pela colocação de títulos de longo prazo dos países endividados no Exterior. Durante palestra promovida pela Associação Brasileira de Administração de Material, seguida de debates, no Mofarrej Sheraton, Kissinger admitiu que a criação desse plano enfrentará uma série de obstáculos.

## AS DIFICULDADES

Para que a ajuda financeira fosse bem sucedida, a conjuntura econômica mundial deveria ser favorável ao crescimento dos países em desenvolvimento. O ex-secretário norte-americano prevê que os Estados Unidos terão que reduzir suas importações e conter seu crescimento para enfrentar seu próprio problema de dívida externa. Além disso, o plano enfrentaria resistência entre os bancos que não estão dispostos a reduzir seus lucros. E para ter acesso a esses recursos, os países endividados teriam que adotar programas econômicos consistentes, nem sempre bem aceitos pela sociedade.

"Mas eu prefiro discutir idéias porque já tem muita gente no mundo que se preocupa com os problemas de curto prazo. Aprendi que os grandes estadistas são aqueles que conseguem levar a sociedade para o futuro, onde ela nunca esteve antes e tentar soluções que, se forem adiadas, poderão custar bem mais caro", afirmou.

Sem um plano internacional, se-



Alfredo Rizzutti

## Kissinger: um fundo de US\$ 150 bilhões em 5 anos

gundo Kissinger, credores e devedores não conseguirão encontrar solução definitiva para a dívida e nesse confronto começam a ser radicalizadas perigosamente as posições. Para ele, a moratoria é um dos exemplos de radicalização, embora corresponda, às vezes, à única saída para muitos devedores.

Após assinalar que "na virada do

século o Brasil será uma grande potência industrial se as condições internacionais não se deteriorarem", o ex-secretário e conselheiro de vários grupos financeiros, entre eles do Chase Manhattan Bank, afirmou: "Um país com o potencial de crescimento como este não pode ficar preso aos problemas imediatos de renegociação de juros vencidos".